

LUCIANO ROCHA
ABIMAR MORAES

DIACONADO E DIACONIA

Compêndio de Fontes Históricas e Documentais





Prof. Dr. Luciano Rocha, é diácono na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. Doutor em História (UERJ), com pós-doutorado em História Social (UFF) e Teologia Sistemática (PUC-Rio). Estagiário de pos-doutoramento no Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Atuou como membro da Comissão de Diáconos da Arquidiocese do Rio de Janeiro (CADIPERJ) e professor na Escola Diaconal Santo Efreem (ArqRio). Atualmente é assessor e consultor nas áreas de teologia dos ministérios, diaconia e diaconado permanente.



Prof. Dr. Abimar Moraes, é presbítero na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro; Doutor em Teologia Pastoral e Catequética; Professor Associado 2 do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil. Atualmente é Coordenador da Área Ciências da Religião e Teologia da CAPES.

E-mail: abimar@puc-rio.br

Orcid Id: 0000-0003-0027-600X

Luciano Rocha
Abimar Moraes

DIACONADO E DIACONIA
Compêndio de Fontes Históricas e Documentais

LETRACAPITAL

Copyright © Luciano Rocha e Abimar Moraes, 2026

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Maria Clara Fagundess

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO

Luiz Guimarães

REVISÃO

Dos autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

R574d

Rocha, Luciano

Diaconado e diaconia : compêndio de fontes históricas e documentais / Luciano Rocha,
Abimar de Moraes [coordenação: Waldecir Gonzaga]. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2026.
376 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5252-360-0

1. Diaconia - Doutrina bíblica 2. Igreja católica – História I. Título II. Moraes, Abimar de

CDD 270.09

26-2636

CDU 1:37

Angélica Ilacqua – Bibliotecária - CRB-8/7057

<http://dx.doi.org/10.56257/lcbk.978-65-5252-359-4>

LETRA CAPITAL EDITORA

Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781

www.letracapital.com.br

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Basílio da Silva, OSB (FSBRJ)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
Galileu Galilei Medeiros de Souza (UERN)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

SUMÁRIO

Apresentação	15
---------------------------	-----------

Cardeal Orani João Tempesta, O.Cist.

Introdução. Por uma Compreensão Histórico-teológica da Diaconia da Igreja e do Ministério Diaconal	17
---	-----------

Capítulo 1. Literatura Canônico-Litúrgica	71
--	-----------

Didaqué: Doutrina dos Doze Apóstolos (Final do século I) ..71

Didascalia Apostolorum (Início do séc. III).....72

Cânones Eclesiásticos dos Santos Apóstolos
(Início do século III).....80

Testamento do Senhor (Século IV)81

Catecismo Católico Romano (1566).....84

Capítulo 2. Fontes Patrísticas e Medievais	90
---	-----------

Clemente de Roma (10 – 102 ca.)90

Inácio de Antioquia (68 - 107 ca.).....92

Policarpo de Esmirna (69ca. – 155ca.).....101

Hermas (Século II).....102

Justino de Roma (100ca. – 165ca.)104

Irineu de Lyon (130 – 200).....105

Clemente de Alexandria (150-215) 111

Hipólito de Roma (170 ca. – 235 ca.) 112

Tertuliano (150/160 – 220).....122

Orígenes (185 ca. - 255).....123

Cipriano de Cartago (210 ca. – 258 ca.).....128

Cornélio de Roma (200 - 253)133

Eusébio de Cesareia (265 ca. – 340 ca.).....	134
Cirilo de Jerusalém (315 ca. – 386)	141
Basílio de Cesareia (Magno) (329 - 379).....	146
Gregório de Nissa (332 ca. – 394)	147
Ambrósio (339-397).....	148
Jerônimo (347-420 ca.)	150
João Crisóstomo (350 ca. – 407 ca.)	155
Máximo de Turim (350-423).....	157
Agostinho de Hipona (354-430).....	159
Commodiano (Século V).....	161
Leão Magno (400 ca. – 461)	162
Pseudo Dionísio (O Areopagita) (Final do século V – Século VI)	167
João Clímaco (526-606).....	171
Pedro Lombardo (1100 ca. – 1160 ca.)	172
Tomás de Celano (1200-1265)	174
Tomás de Aquino (1225-1274).....	178

Capítulo 3. Documentos Conciliares..... 187

Concílio (Sínodo) de Elvira (300-303)	187
Concílio de Arles (314).....	189
Concílio Ecumênico de Niceia I (325).....	190
Concílio Ecumênico de Calcedônia (451).....	192
Concílio de Trullo (692).....	194
Concílio Ecumênico de Nicéia II (787)	195
Concílio Ecumênico Constantinopolitano IV (869-870)	197
Segundo Concílio Ecumênico de Lyon (1274)	198

Concílio de Viena (1311-1312)	198
Concílio de Constança (1414-1418).....	199
Concílio de Trento (1545-1563).....	199
Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)	202
Capítulo 4. Magistério Pontifício.....	212
Leão XIII (1878-1903).....	212
Pio XII (1939-1958).....	213
João XXIII (1958-1963).....	215
Paulo VI (1963-1978)	216
João Paulo II (1978-2005).....	242
Bento XVI (2005-2013)	273
Francisco (2013-2025)	293
Leão XIV (2025-).....	312
Capítulo 5. Santa Sé e Conselho Episcopal	
Latino-Americano e Caribenho	316
<i>Codex Iuris Canonici</i>	316
<i>Catechismus Catholicae Ecclesiae</i>	323
Medellín	328
Puebla.....	332
Santo Domingo.....	338
Aparecida	344
Posfácio.....	352
<i>Dc. Dr. Julio Cesar Bendinelli</i>	
Índice Temático	356
Índice Onomástico.....	366
Referências.....	368

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA - DECRETO *APOSTOLICAM ACTUOSITATEM*. Sobre o apostolado dos leigos (Paulo VI), Vaticano, 18 de novembro de 1965 (Documentos do Magistério Pontifício).

ABOSJ – ALOCUÇÃO AOS SACERDOTES, DIÁCONOS, RELIGIOSOS E SEMINARISTAS NA BASÍLICA DO ORATÓRIO DE SÃO JOSÉ (João Paulo II), Montreal, Canadá, 11 de setembro de 1984 (Documentos do Magistério Pontifício).

ABZ - ALOCUÇÃO AOS BISPOS DO ZAIRE EM VISITA *AD LIMINA* (João Paulo II) 30 de abril de 1983 (Documentos do Magistério Pontifício).

ACR – ALOCUÇÃO À CÚRIA ROMANA (João Paulo II) 22 de dezembro de 1987 (Documentos do Magistério Pontifício).

ADP – ALOCUÇÃO AOS DIÁCONOS PERMANENTES (João Paulo II), 16 de março de 1985 (Documentos do Magistério Pontifício).

ADPEU – ALOCUÇÃO AOS DIÁCONOS PERMANENTES DOS ESTADOS UNIDOS (João Paulo II) Detroit, 19 de setembro de 1987 (Documentos do Magistério Pontifício).

AEA – II ASSEMBLEIA ESPECIAL PARA A ÁFRICA DO SÍNODO DOS BISPOS. A Igreja em África ao serviço da reconciliação, da justiça e da paz. Vaticano, 2009 (Documentos da Santa Sé).

AG – DECRETO *AD GENTES*. Sobre a atividade missionária da igreja, 7 de dezembro de 1965 (Documentos do Concílio Vaticano II).

AM – EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL *AFRICAE MUNUS* (Bento XVI), 19 de novembro de 2001 (Documentos do Magistério Pontifício).

AOBK – ALOCUÇÃO PARA A ORDENAÇÃO DE OITO NOVOS BISPOS EM KINSHASA, 4 de maio de 1980 (Documentos do Magistério Pontifício).

Apl – APOLOGIA I (155 ca.) JUSTINO DE ROMA.

ASCAL – ALOCUÇÃO AOS PARTICIPANTES NO SEGUNDO CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE O APOSTOLADO

DOS LEIGOS (Pio XII) 5 de outubro de 1957 (Documentos do Magistério Pontifício).

BES – BASÍLIO. DO ESPÍRITO SANTO (Séc. IV) (Fontes Históricas).

CA – CONCÍLIO DE ARLES (Provença, 314) (Fontes Históricas).

CAD – CATEQUESE NA AUDIÊNCIA GERAL (João Paulo II) 20 de outubro de 1993 (Documentos do Magistério Pontifício).

CCIO – CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO DAS IGREJAS ORIENTAIS.

CCR – CATECISMO CATÓLICO ROMANO (1566) (Fontes Históricas).

CD – DECRETO *CHRISTUS DOMINUS*. Sobre o múnus pastoral dos bispos na igreja, 28 de outubro de 1965 (Documentos do Concílio Vaticano II).

CDD – COMISSÃO DIOCESANA DE DIÁCONOS.

CEp – *CAEREMONIALE EPISCOPORUM*. 14 de setembro 1984 (Documentos da Santa Sé).

CESA – CÂNONES ECLESIASTICOS DOS SANTOS APÓSTOLOS (Século III) (Fontes Históricas).

CN – CARTA *COMMUNIONIS NOTIO* (Congregação para a Doutrina da Fé), 28 de maio de 1992 (Documentos da Santa Sé).

CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL.

CND – COMISSÃO NACIONAL DOS DIÁCONOS.

ConC – CONCÍLIO DE CONSTANZA, 1414-1418 (Concílios da Igreja).

ConEC – CONCÍLIO ECUMÊNICO DE CALCEDÔNIA, 451 (Concílios da Igreja).

ConEC4 – CONCÍLIO ECUMÊNICO CONSTANTINOPOLITANO IV, 869-870 (Concílios da Igreja).

ConEL2 – SEGUNDO CONCÍLIO ECUMÊNICO DE LYON, 1274 (Concílios da Igreja).

ConEN1 – CONCÍLIO ECUMÊNICO DE NICEIA I, 325 (Concílios da Igreja).

ConEN2 – CONCÍLIO ECUMÊNICO DE NICÉIA II, 787 (Concílios da Igreja).

ConEV2 – CONCÍLIO ECUMÊNICO VATIVANO II, 1962-1965
(Concílios da Igreja).

ConT – CONCÍLIO DE TRULLO, 692 (Concílios da Igreja).

ConTr – CONCÍLIO DE TRENTO, 1545-1563 (Concílios da Igreja).

ConV – CONCÍLIO DE VIENA, 1312 (Concílios da Igreja).

CRD – COMISSÃO REGIONAL DOS DIÁCONOS.

CSE – CONCÍLIO (SÍNODO) DE ELVIRA, 306 (Concílios da Igreja).

CSQSI – CARTA AOS SACERDOTES NA QUINTA-FEIRA SANTA NOVO INCIPIENTE (João Paulo II), 8 de abril de 1979
(Documentos do Magistério Pontifício).

DA – *DIDASCALIA APOSTOLORUM* (230 ca.) (Fontes Históricas).

DCE – DEUS CARITAS EST. Aos bispos aos presbíteros e aos diáconos às pessoas consagradas e a todos os fiéis leigos sobre o amor cristão (Bento XVI), 25 de dezembro de 2005 (Documentos do Magistério Pontifício).

DGAE – DIRETRIZES GERAIS DA AÇÃO EVANGELIZADORA.

DODP – DIREITO ORIENTAL, *DE PERSONIS*.

DOE – DECRETO *ORIENTALIUM ECCLESiarum*. Sobre as Igrejas Orientais Católicas (Paulo VI) Roma, 21 de novembro de 1964
(Documentos do Magistério Pontifício).

DPFSG – DIÁLOGO DO PAPA FRANCISCO COM AS PARTICIPANTES NA PLENÁRIA DA UNIÃO INTERNACIONAL DAS SUPERIORAS-GERAIS (Francisco), 12 de maio de 2016
(Documentos do Magistério Pontifício).

DPNE – CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS.

DV – CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *DEI VERBUM*. Sobre a revelação divina, 18 de novembro de 1965 (Documentos do Concílio Vaticano II).

EG – EXORTAÇÃO APOSTÓLICA *EVANGELII GAUDIUM*. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual (Francisco) Roma, 24 de novembro de 2013 (Documentos do Magistério Pontifício).

EM – INSTRUÇÃO INTERDICASTERIAL *ECCLESIAE DE MYSTERIO*. 15 de agosto de 1997 (Documentos da Santa Sé).

ES – MOTU PROPRIO *ECCLESIAE SANCTAE* (Paulo VI), 6 de agosto de 1966 (Documentos do Magistério Pontifício).

EV – *Enchiridion Vaticanum*.

FC – EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL *FAMILIARIS CONSORTIO* (João Paulo II), 22 de novembro de 1981 (Documentos do Magistério Pontifício).

GS – CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET SPES*. Sobre a Igreja no mundo atual, 7 de dezembro de 1965 (Documentos do Concílio Vaticano II).

HRTA – HIPÓLITO DE ROMA. Tradição Apostólica (Século III) (Fontes Históricas).

IBI – *A INTERPRETAÇÃO DA BÍBLIA NA IGREJA* (Pontifícia Comissão Bíblica), 15 de abril de 1993.

ICM – DECLARAÇÃO IGREJA CATÓLICA E MAÇONARIA. (Conferência Episcopal Alemã), 28 de fevereiro de 1980.

IFLS – INSTRUÇÃO SOBRE A FORMAÇÃO LITÚRGICA NOS SEMINÁRIOS (Congregação para a Educação Católica), 3 de junho de 1979.

IGLH – *INSTITUTIO GENERALIS LITURGIAE HORARUM* (Instrução Geral da Liturgia das Horas).

IGMR – *INSTITUTIO GENERALIS MISSALIS ROMANI* (Instrução Geral do Missal Romano).

LG – CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA *LUMEN GENTIUM*. Sobre a igreja, 21 de novembro de 1964 (Documentos do Concílio Vaticano II).

LMCF – LEÃO MAGNO. Carta a Flaviano, Bispo de Constantinopla (451) (Fontes Históricas).

LMH – LEÃO MAGNO. Homilia LXXXV – Para a festa de São Lourenço: o mártir 304 (Séc. IV) (Fontes Históricas).

MD – CARTA APOSTÓLICA *MULIERIS DIGNITATEM*. Sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano (João Paulo II) Roma, 15 de agosto de 1988 (Documentos do Magistério Pontifício).

MPF16 – MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O 53º DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES (Francisco), 17 de abril de 2016 (Documentos do Magistério Pontifício).

- MQ** – CARTA APOSTÓLICA *MINISTERIA QUAEDAM* (Paulo VI), 15 de agosto de 1972 (Documentos do Magistério Pontifício).
- MTS4** – MÁXIMO DE TORINO. Sermão 4: O nascimento no céu de São Lourenço (350-423) (Fontes Históricas).
- OE** – DECRETO *ORIENTALIUM ECCLESiarUM*. Sobre as Igrejas Orientais Católicas, 21 de novembro de 1964 (Documentos do Concílio Vaticano II).
- OHJ** – ORÍGENES. HOMILIA SOBRE JEREMIAS (séc. III) (Fontes Históricas).
- OLM** – ORDENAMENTO DAS LEITURAS DA MISSA, 1969.
- OT** – DECRETO *OPTATAM TOTIUS*. Sobre a formação sacerdotal. 28 de outubro de 1965 (Documentos do Concílio Vaticano II).
- PDV** – Exortação Apostólica post-sinodal *PASTORES DABO VOBIS* (João Paulo II), 25 de março de 1992 (Documentos do Magistério Pontifício).
- PFIF** – *PROFESSIO FIDEI ET IUSIURANDUM FIDELITATIS in suscipiendo officio nomine Ecclesiae exercendo* (Congregação para a Doutrina da Fé), 9 de janeiro de 1989 (Documentos da Santa Sé).
- PL** – PEDRO LOMBARDO (ca. 1100-1160) (Fontes Históricas).
- PO** – DECRETO *PRESBYTERORUM ORDINIS*. Sobre o ministério e vida dos Sacerdotes, 7 de dezembro de 1965 (Documentos do Concílio Vaticano II).
- Pp** – Propositio
- PR** – *PONTIFICALE ROMANUM: De Ordinatione Episcopi, Presbyterorum et Diaconorum*
- QE** – Declaração *QUIDAM EPISCOPI* (Congregação para o Clero,) 8 de março de 1982, (Documentos da Santa Sé).
- RH** – Carta Encíclica *REDEMPTOR HOMINIS* (João Paulo II), 4 de março de 1979 (Documentos do Magistério Pontifício).
- RM** – Carta Encíclica *REDEMPTORIS MISSIO* (João Paulo II), 7 de dezembro de 1990 (Documentos do Magistério Pontifício).
- RRDB** – RITUAL ROMANO, *DE BENEDICTIONIBUS*.

- RS** – Instrução *REDEMPTIONIS SACRAMENTUM* (Congregação para o Culto divino e a disciplina dos sacramentos), 25 de março 2004 (Documentos da Santa Sé).
- SC** – CONSTITUIÇÃO CONCILIAR *SACROSANCTUM CONCILIUM*. Sobre a sagrada liturgia, 4 de dezembro de 1963 (Documentos do Concílio Vaticano II).
- SCa** – Exortação Apostólica pós-sinodal *SACRAMENTUM CARITATIS* (Bento XVI), 22 de fevereiro de 2007 (Documentos do Magistério Pontifício).
- SMC** – Constituição Apostólica *SPIRITUALI MILITUM CURAE* (João Paulo II), 22 de abril de 1986 (Documentos do Magistério Pontifício).
- TA** – *TRADIÇÃO APOSTÓLICA*. Hipólito de Roma.
- TAST3** – TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica – 3ª parte (1265-1273 ca.) (Fontes Históricas).
- TASTS** – TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica – Suplemento (1265-1273 ca.) (Fontes Históricas).
- TE** – DIRETÓRIO DO MINISTÉRIO E VIDA DOS PRESBÍTEROS *TOTA ECCLESIA* (Congregação para o Clero), 31 de janeiro de 1994 (Documentos da Santa Sé).
- TS** – TESTAMENTO DO SENHOR (Século III) (Fontes Históricas).
- VD** – EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL *VERBUM DOMINI*. Sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja (Bento XVI), 30 de setembro de 2010 (Documentos do Magistério Pontifício).
- VQA** – CARTA APOSTÓLICA *VICESIMUS QUINTUS ANNUS* (João Paulo II), 4 de dezembro de 1988 (Documentos do Magistério Pontifício).

APRESENTAÇÃO

Com grande alegria apresentamos esta obra que se oferece à Igreja como verdadeiro compêndio das fontes históricas, patrísticas, conciliares e do Magistério acerca do diaconado e diaconia. Trata-se de um trabalho sólido, amadurecido na escuta da Tradição e atento às interpelações do tempo presente, que ilumina, com rigor teológico e sensibilidade pastoral, a identidade e a missão do ministério diaconal.

O restabelecimento do diaconado permanente pelo concílio Vaticano II, especialmente a partir da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, promulgada pelo Papa Paulo VI, marcou um momento decisivo na vida da Igreja. Não se tratou de mera inovação disciplinar, mas de um retorno às fontes, à vitalidade dos primeiros séculos, quando o diácono era sinal visível do Cristo-Servo no coração da comunidade cristã e junto aos pobres.

A presente obra evidencia que o diaconado não é simples etapa rumo ao presbiterado, mas vocação própria, grau específico do Sacramento da Ordem, configurado a Cristo que veio “não para ser servido, mas para servir”. A diaconia de Cristo, expressão suprema do amor ágape do Pai, manifestado na encarnação, na Cruz e na Ressurreição, antecede e fundamenta toda a diaconia eclesial. Assim, o serviço não é função acessória, mas dimensão constitutiva da própria identidade da Igreja.

Percorrendo as páginas deste estudo, o leitor reencontra o testemunho das primeiras comunidades reunidas nas casas, a atuação dos *Sete* escolhidos em Atos dos Apóstolos, o vigor missionário de Estevão e Filipe, a contribuição dos Padres da Igreja e a evolução histórica das diaconias, desde as estruturas criativas do Oriente e de Roma até as expressões contemporâneas, territoriais e ambientais, que levam a presença da Igreja às novas fronteiras da sociedade.

Com equilíbrio e clareza, o texto aborda também as tensões históricas, as etapas de institucionalização, a progressiva “sacer-

dotalização” que reduziu o espaço do diaconado ao longo dos séculos, e a renovação promovida pelo Vaticano II, que devolveu à Igreja um ministério essencial para sua missão evangelizadora. Hoje, quando o diaconado é uma das vocações que mais cresce na Igreja, esta reflexão mostra-se particularmente providencial.

Destaca-se, ainda, a importância da formação integral dos candidatos, a centralidade da liturgia na ordenação, a espiritualidade do diácono, marcada pela Palavra, pela caridade e pela comunhão com o bispo, e sua missão como ponte entre o altar e as periferias humanas. O diácono é chamado a ser presença servidora no mundo do trabalho, nas famílias, nos hospitais, nas realidades sociais complexas, testemunhando que a autoridade na Igreja é sempre serviço.

Esta obra, portanto, não é apenas um estudo acadêmico, mas um convite à redescoberta da Igreja como comunidade diacônica, sinal sacramental do amor de Deus no mundo. Ao aprofundar as raízes bíblicas, históricas e teológicas do diaconado, ela contribui para fortalecer a consciência de que todos somos chamados à diaconia, cada qual segundo sua vocação, sob a guia dos pastores e na riqueza da comunhão eclesial.

Desejo que a leitura destas páginas suscite renovado ardor missionário, fortaleça os diáconos em seu ministério e ajude nossas comunidades a viverem com maior intensidade a espiritualidade do serviço, à luz do Cristo Servo.

Com bênção e estima pastoral.

Cardeal Orani João Tempesta, O.Cist.

Arcebispo Metropolitano de São Sebastião do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO.

POR UMA COMPREENSÃO HISTÓRICO-TEOLÓGICA DA DIACONIA DA IGREJA E DO MINISTÉRIO DIACONAL

O Papa Paulo VI, em 21 de novembro de 1964, promulgou na terceira sessão plenária do Concílio Vaticano II a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. Dentre as inovações, há o restabelecimento do diaconado como ministério estável na Igreja Latina. As razões que justificavam o restabelecimento, de modo geral, compreendem dois aspectos básicos: o histórico-teológico e o pastoral. Havia o interesse em se restabelecer o tríptico ministério ordenado como visto na Igreja dos primeiros séculos. Por cerca de mil anos a Igreja latina manteve o diaconado como grau transitório e como que um período escolar dos candidatos ao presbiterado. Com o Concílio, o ministério diaconal é retomado como uma vocação específica, com contornos próprios e identidade particular, enquanto ministério ordenado a serviço de Cristo e da Igreja. Os motivos pastorais, menos centrados na natureza e sim na práxis, trazem a questão da escassez do clero, do auxílio aos padres e a preocupação com o *ethos* contemporâneo, marcado pelo crescente individualismo, o materialismo, o hedonismo e, a um só tempo, o êxodo dos batizados. Diante de contornos tão desafiadores, os diáconos ganham especial significação, enquanto ministros do Evangelho e profissionais, ordenados e, em geral, casados, transitam por diversos espaços não eclesiais, estabelecendo uma ação pastoral marcadamente relacional e dialogal. Seu ministério, expressão da diaconia de Cristo, é o contraponto do individualismo que atravessa o homem moderno. Ele refaz a afinidade, traz de volta a semelhança e restabelece o *nós* onde habitou o ensimesmamento e a alienação.

Como a evidência é produto de uma certa vidência, de um determinado modo de ver, sentir e interagir, o restabelecimento

do diaconado não ocorreu sem acomodações lentas e, até certo ponto, dolentes. Seu serviço eclesial implicou não apenas uma novidade, mas, houve quem assim pensasse, emergia como princípio de contradição por fugir à percepção usual do ministro ordenado na latinidade. É preciso um olhar cauteloso para aquele momento histórico, entendendo que a realidade não é pura empiria, mas, também é simbólica. Ela é o resultado da produção de sentidos diversos. Por isso, havia quem não compreendesse seu restabelecimento. Um estudo da CNBB, de 1988, “Diaconato no Brasil: teologia e orientações pastorais”, faz um balanço daqueles primeiros tempos e afirmava: “os diáconos permanentes encontram pouco espaço e, às vezes, aparecem como concorrentes [dos presbíteros]; falta estímulo e entusiasmo nos padres para ampliar o diaconato permanente”.¹ O restabelecimento do diaconado, pelo Concílio não é meramente um fato, mas um acontecimento. De fato, é a vocação que, proporcionalmente, mais cresce na Igreja do século XXI. Como evento histórico, *acontecimento* é algo que instaura uma ruptura na rotina. Trata-se de uma singularidade que anuncia uma diferença onde havia repetição.² Constitui um enriquecimento admirável para a missão da Igreja nas novas fronteiras devido a sua capacidade de estar em espaços e territórios que, muito dificilmente, outros ministros ordenados estariam.

A diaconia é eclesial e o diácono o sinal visível e sacramental do Cristo Servo. As primeiras comunidades cristãs compreenderam tão bem esse legado que tinham tudo em comum.³ O cuidado para com o outro não é uma eventualidade, antes, corresponde ao próprio modo de ser Igreja que pode ser vista em práticas cotidianas diversas como, por exemplo, o *Ágape*, cuja organização

¹ CNBB. *Diaconato no Brasil: teologia e orientações pastorais*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 22.

² ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 67.

³ RIEFF, Sissi Georg. *Diaconia e culto cristão: resgate de uma unidade essencial e suas consequências para a vida das comunidades cristãs*. Escola Superior de Teologia (Tese de Doutorado). São Leopoldo, RS, 2003, p. 329.

inicial foi entregue aos diáconos. Ele é, em si mesmo, o sinal visível da diaconia de Cristo, que continua na *diaconia* da Igreja e na *diaconia* dos ministérios eclesiais.⁴ Esta igreja, servidora e ministerial, tem no diácono, de modo privilegiado, a imagem visível de uma igreja amorosa e fraterna.⁵

Jesus, diácono do Pai, compartilha com toda Igreja seu modo de ser diacônico.⁶ Mais que alívio dos sofrimentos, diaconia é antecipação da nova vida e modo de ser da comunidade remida e reunida em nome do Senhor. Diaconia é agir curativo e serviço de reconciliação do homem consigo mesmo, com o outro e com Deus, por meio do amor e não mero assistencialismo. Assim, as noções de cuidado, zelo, doação e amor fraterno devem iluminar a vida do cristão. A diaconia é, portanto, a forma de vida da comunidade dos seguidores de Jesus. Nesse contexto, foi essencial que o Vaticano II resgatasse uma eclesiologia focada na comunidade, Igreja-Povo de Deus, que valorizasse a diversidade dos carismas e concebesse o poder como serviço. O repensar essa Igreja ministerial, atravessada pela diaconia de Cristo, fez emergir o novo diaconado e um novo diácono que deve ser o sinal privilegiado do Cristo-Servo. Jesus é a fonte, a origem e o termo da diaconia de toda a Igreja que pode ser vista no diaconado universal de todos os fiéis e no diaconado ministerial.

⁴ CHAMOSO, R. S. *Los ministerios em perspectiva eclosiologica*: el dinamismo ministerial. In: *Seminários*, v.30, n. 93-94, jul/dez. 1984, p. 404.

⁵ BORRAS, Alphonse; POTTIER, Bernard. *A graça do diaconato*: questões atuais relativas ao diaconato latino. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 142-146.

⁶ Jesus Cristo é nosso modelo de servidor que em Romanos (15,8) é chamado de *diakonos*. Ele mesmo afirmou que maior no Reino de Deus é aquele que serve (Mc 10,43-45). Falava de si mesmo e de todos que seguissem seus passos. Ele, nosso Mestre e Senhor, veio para servir (Mt 20,28) e convida seus discípulos à diaconia por palavras e exemplos. Assim, cuidou dos excluídos como a mulher samaritana (Jo 4) e o leproso (Lc 17,11-19); deu de comer aos famintos (Mt 14,15ss) e ensinou sobre a misericórdia, como na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), do Filho Pródigo (Lc 15,11-32) e do Rico e Lázaro (Lc 16,19-31). Seu coração era cheio de compaixão (Mt 9,36; 14,14; Lc 7,12) e de piedade (Mt 15,32; 18,27; 30,34; Mc 9,22). Sempre esteve preocupado com os pobres (Mt 5,3; 11,5; 19,21; Lc 4,18; 14,13,21; 16,20s; 18,22; 19,8) e com os doentes (Mt 4,24; 8,16-17; Mc 1,34; Lc 4,40; Jo 5,5-9). A diaconia é a chave de compreensão de sua vida e o modo de vida da comunidade cristã.

A diaconia divina antecede a diaconia eclesial

(...) *O Filho do Homem não veio para ser servido,
mas para servir*
Mt 20,28

A revelação de Deus em Jesus Cristo, sua autocomunicação à humanidade, ganha visibilidade na manifestação de sua essência amorosa. Deus é amor (cf. 1 Jo 4,8) e livremente toma a iniciativa de ir ao encontro do homem, esvaziando-se, como pura difusão de bondade e amabilidade. O Verbo de Deus, Eterno e Criador de todas as coisas (cf. Jo 1,1-18) na plenitude dos tempos assumiu a natureza humana e, por amor, deu sua vida em resgate de muitos (cf. Mt 20,28). Cirilo de Alexandria, Bispo e Doutor da Igreja (375-444), ao tratar da encarnação, não parte da abertura do homem à transcendência, mas, da renúncia de Deus a si mesmo e do amor que o faz transbordar e, a um só tempo, exaurir-se de sua forma divina para estar entre nós. Esvazia-se por amor, pois, só assim seria possível estar com os homens como os homens e, então, torná-los participantes da vida divina. A encarnação é um despojamento.⁷ Sua *quenose*⁸ aponta para o modo de ser de Deus. A encarnação do Verbo Eterno (Jo 1,1-2) não é a manifestação do “poder absoluto”, mas do “amor absoluto” que se esvazia para dar-se por inteiro. Sua missão salvífica se realiza na entrega de sua vida para o bem dos homens.⁹ Seus gestos e palavras apontam não

⁷ RIBEIRO, Clarita Sampaio Mesquita. *Mysterium Paschale*: a quenose de Deus segundo Hans Urs von Balthasar. São Paulo: edições Loyola, 2004, p. 44.

⁸ *Quenose*, do grego *Kenose* (Kénosis, kenótico, de kenoo), significa esvaziamento, esvaziar, extenuar, reduzir a nada; estado de humilhação (KOUBETCH, Volodemer. *Da criação a parúsia*: linhas mestras da teologia cristã oriental. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 188). “A sua significação teológica está no fato de o Novo Testamento utilizá-la para expressar a realidade de Jesus Cristo, Filho/Verbo de Deus que, sendo Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, aniquilou-se, humilhou-se e assumiu a condição humana” (XAVIER, Donizete José. *A teologia da Santíssima Trindade*: kénosis das Pessoas Divinas como manifestações do amor e da misericórdia. São Paulo: Palavra e Prece Editora, 2005, p. 87).

⁹ FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. *Mysterium Salutis Vol. III*: compêndio de dogmática histórico-salvífica (O evento Cristo – cristologia do Novo Testamento). Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1973, p. 97.

para um poder-dominador, mas para o poder-amor (Mc 12,31-33; Mt 5,44-46; Jo 13,34; 15,9.12; 1Jo 4,7). O “serviço”, a “diaconia”, é a chave de compreensão da vida de Jesus Cristo, pois, “não veio para ser *servido*, mas para *servir* e dar a sua vida em resgate de muitos” (Mt 20,28)¹⁰.

Deus toma a iniciativa, de forma que a *quenose* divina é diaconia de encontro. O *Kyrios* (κύριος) despojando-se e aniquilando-se faz encontro e deixa-se encontrar. Este amor-ágape¹¹ (doado, incondicional e diacônico) brota do relacionamento intratrinitário até o encontro histórico de proximidade com o homem. Sua *quenose* ocorre, inicialmente, *ad intra*. O Pai está voltado ao Filho, gerando-o em amor. O Filho está em relação ao Pai, numa eterna ação de graças e o Espírito Santo é o próprio amor em relação ao Pai e ao Filho. Há, pois, uma dinâmica quenótica intratrinitária na qual cada pessoa divina está voltada para fora de si mesma, em posição diacônica, num movimento constante de entrega e serviço ao outro. Deus é pura relação de Amor vivenciado e experimentado como doação total e sem reservas. Esse amor ganha visibilidade na Sua liberdade expansiva e incontida, que transborda na criação e na história da humanidade, de tal forma que o divino se torna homem para realizar na trajetória dos homens uma história de salvação. Deus age “diaconalmente” e “quenoticamente” na criação, na história do povo eleito e se radicaliza na encarnação do Verbo que assume a forma de servo.¹²

Na obra da criação há uma primeira *quenose*, uma vez que Deus como que renuncia a uma parte da sua liberdade ao entregar ao homem o cuidado para com a criação. Deus convida a humanidade a participar de sua diaconia (Gn 1,19-20) tornando Adão participante da arte de cuidar. O pecado nasce, justamente, com o es-

¹⁰ ὥσπερ ὁ υἱὸς τοῦ ἀνθρώπου οὐκ ἦλθεν διακονηθῆναι ἀλλὰ διακονῆσαι καὶ δοῦναι τὴν ψυχὴν αὐτοῦ λύτρον ἀντὶ πολλῶν. (Mt 20,28)

¹¹ O amor ágape aparece 158 vezes no Novo Testamento. O amor ágape é altruísta, com propósito de fazer unicamente o bem. Um amor que age e que pode ser evidenciado pela relação que Jesus tem com o Pai e conosco (Jo 3,16; Jo 13,34-35).

¹² XAVIER, Donizete José; SANTOS, Eduardo dos. “A Descida do Deus Trindade: A Kénosis da Trindade”. In *Revista de Cultura Teológica* - v. 16 - n. 62 - jan/mar 2008, p. 114.

vaziamento da diaconia. Ao olhar para si mesmo, centrado apenas em si, perde de vista o “nós” constitutivo da criação. Na tradição judaico-cristã, a história do pecado de Lúcifer aponta para aquele que foi o primeiro ser que cogitou a ideia do *eu* em detrimento do *nós*. A diaconia divina, visível na criação, encontra uma primeira ruptura em Lúcifer que, ao considerando-se belo, achou-se distinto, separado, à parte, sem relação com os outros. O *nós* em Lúcifer perde o seu sentido primordial diacônico e relacional em razão do *eu* individualista e ensimesmado, quebrando o ritmo da criação, concebida como *nós*, arquitetada como relação (Gn 1,26). Por isso, a *quenose* do Verbo é a restauração diacônica da criação marcada pelo afastamento, pois, manifestação de amor absoluto que se esvazia para dar-se por inteiro. Esta segunda *quenose*, renunciando à “forma de Deus”, realiza o grande serviço para com a humanidade: sua redenção. A cruz é a grande diaconia de Cristo.¹³

Por meio da cruz, Deus vai ao encontro de todas as consequências da liberdade humana, inclusive o pecado, e as supera. Ou seja, o Cristo, Deus feito homem, esvazia-se de sua forma divina e assume a forma de servo para promover a mediação entre Deus e os homens. Por isso, Ele é o caminho (cf. Jo 14,6) e “em nenhum outro há salvação, porque debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual devamos ser salvos” (At 4,12). Jesus Cristo, Deus feito homem, é o único mediador entre Deus e os homens. Sua diaconia é serviço de mediação, de salvação que se realiza na proximidade do encontro. *Estar com* é condição da Trindade que entra no tempo para estabelecer relação. Assim, foi o ministério de Jesus e sua afinidade com os discípulos (Jo 1,35-51), com os irmãos Lázaro, Marta e Maria, de Betânia (Lc 10,38-42; Jo 11,1-45); com Zaqueu (Lc 19,1-10); com a Samaritana (Jo 4,5-42); com Maria Madalena (Jo 20,1-18); com Bartimeu (Mc 10,46-52); com o cego de Jericó (Lc 18,35-43); com os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) e com todos os pobres, doentes e des-

¹³ ILLANES, Pedro V. Escobar. *Apuntes para uma cristologia em tempos difíceis*: el tempo-ser de jesucristo em el pensamiento de Hans Urs von Balthasar. México, DF: Universidad Iberoamericana/Departamento de Ciencias Religiosas, 1997, p. 288-289.

prezados. O que existe de comum em todos estes encontros? A diaconia de Jesus, ou seja, a entrega de si mesmo e a acolhida de seus interlocutores. Diaconia é agir curativo de todas as terríveis distorções do ser humano.¹⁴ Por isso, O Verbo de Deus se fez homem e, como escravo da vontade do Pai (cf Fp 2,1-11), reconcilia todos os homens pela entrega amorosa de si mesmo. A diaconia é a chave de compreensão de toda sua vida, pois veio para servir e dar sua vida em resgate de muitos (cf. Mt 20,28). O lava-pés é, pois, o lugar histórico e teológico primordial de seu amor diacônico.

O lava-pés é o episódio que anuncia a humilhação da crucificação, mas, também o anúncio daquele despojamento total de si mesmo em favor dos homens. Lavar os pés dos discípulos como um escravo era algo inesperado para os discípulos.¹⁵ João não descreve a instituição da eucaristia, mas coloca o lava-pés no contexto da ceia (Jo 13,2). A teologia de João, assim, relaciona diaconia e eucaristia, dando visibilidade ao lava-pés como gesto eucarístico. Importante perceber que João coloca o gesto do lava-pés (diaconia) e o gesto do partir o pão (eucaristia) em dimensões interativas.¹⁶ Na nova comunidade fundada por Jesus não há ceia pascal sem lava-pés, sem diaconia, e vice-versa. Este entrelaçamento demonstra a mística do serviço que deve envolver a comunidade cristã, onde o amor fraterno emerge como forma de vida.

A diaconia é, não somente, a chave de compreensão da vida de Jesus como é, também, a forma de vida dos seguidores de Jesus. O lava-pés é o sinal visível desse amor diacônico que recon-

¹⁴ MOLTSMANN, Jürgen. *Diaconia no horizonte do Reino de Deus*. São Paulo: Editora Recriar, 2022, p. 31.

¹⁵ Parecia uma indignidade (Lv 25,39), na verdade reconfigurava o lugar diaconal dos seguidores de Jesus e é cura da imagem e semelhança perdida. Voltar-se para o outro é sinal de um coração remido, pois só o amor dispõe ao sacrifício. O lava-pés e a crucificação, são da mesma qualidade. O abandono de sua forma divina ganha especial visibilidade nesta cena (Jo 13,1-17) onde o gesto primordial é o serviço do servo (1Sm 25, 40- 42). O contexto é de “sua hora de passar deste mundo ao Pai” (Jo 13,1). BRUCE, F. F. *João: Introdução e Comentário*. 1 ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 1987, p. 241-242; CARSON, Donald A. *O comentário de João*. 1ª ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 467.

¹⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J. *O evangelho de São João*. São Paulo: Paulus, 1999, p. 580.

figura o *nós* em detrimento do *eu*. No episódio, todos os olhares se voltam ao serviço humilde do servidor. A narrativa é solene e contraste com a função historicamente desprezada: Jesus se levanta da mesa, toma a toalha, derrama água num recipiente, põe-se a lavar os pés... É gesto profético, por ser prenúncio da paixão, mas, também, por apresentar aos discípulos outro modo de ser no mundo:¹⁷ “Se eu, vosso Senhor e Mestre vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós” (Jo 13,14-15). Todos são convidados à diaconia de Cristo. O lava-pés é, portanto, mais que uma cena de purificação ritual. É um lugar teológico.¹⁸

O lava-pés é convite à diaconia lúcida como prática de vida cristã (Mc 12,33; Gl 5,14; 1Jo 4,21; Ef 5,2) que vai ao encontro de situações concretas de alívio de sofrimento, mas, também, é antecipação da nova vida pela vivência do amor fraterno, orientando o ser e o fazer no horizonte do Reino de Deus. “Somente quem achou a si mesmo, pode se doar. Apenas quem achou o sentido de sua vida pode agir significativamente. Somente quem se viu liberto da busca doentia por si mesmo, das fraquezas do eu e dos temores da vida, pode partilhar e acolher o sofrimento e libertar os outros”.¹⁹ O Verbo Eterno, esvaziando-se de sua forma de Deus e assumindo a forma de servo, convida, assim, todos os homens ao poder-serviço, ao esvaziamento de si mesmo e ao amor diacônico do encontro reconciliador.²⁰ A diaconia, pois, está na ordem do modo de ser de Deus e condição *sine qua non* para o seguimento de Cristo que não se limitou a revelar o amor divino, mas, o doou no tempo.²¹ Assim, todos aqueles que foram tocados por Seu amor colocam-se ao serviço do próximo. É impossível amar a Deus e não amar ao próximo (cf. Mt 22, 37-29; 1Jo 4,20-21). A diaconia

¹⁷ LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 598.

¹⁸ SESBOÜÉ, B.; THEOBALD, C. *História dos dogmas: A palavra da Salvação (séculos XVIII-XX)*. Tomo 4. São Paulo: Loyola, 2004, p. 142.

¹⁹ MOLTSMANN, Jürgen. *Diaconia no horizonte do Reino de Deus*, p. 35.

²⁰ BARTH, Karl. *Carta aos romanos*. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 464

²¹ MONDIN, Battista. *Novas eclesiologias: uma imagem atual da Igreja*. São Paulo: Edições Paulinas. 1984, p. 69.

divina antecede a diaconia dos cristãos, lhe dá forma e direção. Foi a diaconia divina que gerou os ministérios.

A diaconia da Igreja e seus ministérios

Guiada pelo Espírito Santo [A Igreja] pretende somente uma coisa: continuar a obra do próprio Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar (...) para servir e não para ser servido.

Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n. 3

A Igreja (ἐκκλησία = ekklesiā = Assembleia), corpo de Cristo, é o sinal sacramental do amor ágape, quenóptico e diacônico. Sua missão é viver e testemunhar o Amor, como comunidade de caridade. Cristo é seu fundamento e modelo. Portanto, não basta saber que Deus é amor, isso seria apenas gnose. Os seguidores de Jesus conhecem o amor de Deus por experimentá-lo em sua misericórdia e, por isso, têm a diaconia como manifestação visível e experiência existencial do amor reconciliador (ágape). “A diaconia é a forma de vida da comunidade de Cristo, de modo que a comunidade cristã se apresenta publicamente por meio de uma vida diacônica”.²² Não se trata apenas de “Viver-com-os-outros”, mas, de “Estar-aí-para-os-outros”, à exemplo de Jesus Cristo. A *ekklesia* é o lugar privilegiado da vivência do ágape de Deus, diacônico por natureza. Podemos dizer que foi a diaconia que fez surgir os ministérios. Em outras palavras, a Igreja vem primeiro, depois os ministérios.²³

Jesus deu início à Sua Igreja pregando a Boa Nova do advento do Reino de Deus prometido há séculos nas Escrituras (Mq 5,3; Jr 23,5-6; Is 7,14 e 9,6-7; Ez 29,21; 34,11-16; Dn 2,44; Zc 9,9; 11,12-13; 12,10-14; 12,10-14; Ml 3,1). É, pois, o Reino de Cristo já

²² MOLTSMANN, Jürgen. *Diaconia no horizonte do Reino de Deus*. São Paulo: Editora Recriar, 2022, p. 44.

²³ TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministérios: uma teologia do ministério ordenado*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 19.

presente em mistério e Sacramento de amor.²⁴ Se o Reino de Deus está próximo, o povo de Deus se aproxima em torno desse amor e junta-se em assembleia (ἐκκλησία) que vivencia na história humana o amor divino. Por isso, Igreja é “Viver-com-os-outros”, povo de Deus, assembleia remida e reunida em nome de Seu Senhor. Ela existe por causa de Jesus Cristo que nos chama a viver com os outros. A *ekklesia* surge quando pessoas experimentam a força amorosa do Ressuscitado, vivem em unidade em torno do nome de Jesus, o Cristo de Deus, movidas pela força do Seu Espírito e em diaconia, ou seja, a serviço umas das outras, experienciando Seu amor na entrega livre da vida a Cristo no outro (cf. Jo 5,9-10; 13,34-35; 15,13; 1Co 13,13; 16,14; Cl 3,14; 1Pd 4,8; 1Jo 4,7-19). A Igreja surge por obra divina²⁵ e os ministérios existem, por mesma iniciativa, para a Igreja e em função da Igreja.²⁶

Os primeiros cristãos não tinham templo, mas faziam de suas casas (οἶκος) particulares o local de culto. Desde cedo, sua reunião na casa de alguém foi denominada de *ekklesia*. Podemos ver isso nas diversas comunidades paulinas: “As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetosamente no Senhor Áquila e Priscila, com a igreja que está em sua casa” (1Cor 16, 19); “Saudai aos irmãos que estão em Laodicéia e a Ninfá e à igreja que está em sua casa” (Col 4, 15); “E à nossa amada Áfia, e a Arquipo, nosso camarada, e à igreja que está em tua casa” (Fp 1,2). Os cristãos de origem palestinese também fizeram de suas casas as bases da Igreja (At 2,2; 5,42; 12,12). Portanto, a Igreja era a comunidade cristã que se reunia na casa de uma família²⁷ e foi na *oikos* que a *ekklesia* se estruturava em seus serviços, em sua ministerialidade,

²⁴ DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. “Constituição Dogmática *Lumen Gentium*”: Sobre a Igreja, n^{os} 1-5. In: *Compêndio do Vaticano II: Constituições, decretos, declarações*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

²⁵ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n. 32.

²⁶ TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministérios*, p. 19.

²⁷ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Servir a Cristo na Comunidade: O ministério presbiteral em Edward Schillebeeckx*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 24-25; EBNER, Martin; MARKSCHIES, Christoph. “A Igreja na Era pré-constantiniana: dos primórdios até a metade do século II”. In: KAUFMANN, Thomas *et alii* (Orgs.). *História ecumênica da Igreja: dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo: Edições Loyola: Paulus; São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2012, p. 33-34, 68-71.

para o bem da comunidade. A primeira expressão de vida da Igreja aconteceu na intimidade do lar, no seio de uma família que acolhia outras famílias.

Os cristãos se reuniam nas casas (1Cor 14,23), decidiam pela maioria (2Cor 2,5-11; 8,19) e possuíam funções que Paulo denomina de carisma. A comunidade, naquela primeira eclesiologia, emergia como uma fraternidade, onde o “Estar-aí-para-os-outros” era vivido como experiência do Reino que já está no meio de nós e se manifesta em amor, de forma que ninguém estava excluído do ministério, da diaconia de Cristo. A comunidade cristã é diacônica, pois existe para servir.²⁸ Por isso, naquela geração apostólica, Paulo faz referência a pessoas que desempenhavam diaconias não muito precisas nas comunidades locais, exortando que seus membros tenham consideração pelos “que arduamente trabalham” (1Ts 5,12). Do mesmo modo, aponta como “a família de Estéfnas são as primícias da Acaia e se consagraram a serviço dos santos” (1 Cor 16,15). Por isso, precisam ser tratadas “com consideração, bem como todos aqueles que ajudam e trabalham na mesma obra” (1 Cor 16,16). Além dessas referências imprecisas quanto ao serviço que desempenhavam, Paulo lista outras funções existentes na Igreja (1Co 12,4-11; Rm 12,6-8), entendendo-as como dons do Espírito (*charismata*), ministérios (*diakoníai*) dados por Deus para o crescimento da Igreja, com destaque aos Apóstolos, Profetas e Doutores (1Co 12,28-31); ou, ainda, Evangelistas, Pastores e Mestres (Ef 4,11-12).

Os ministérios, entendidos como carismas, surgem em face da construção do corpo de Cristo e a seu serviço.²⁹ É verdade que a noção de ministério era ampla e não havia, inicialmente, uma distinção clara e precisa entre ministérios (*officia*) e serviços (*munera*).³⁰ Eles emergem para o bem da *ekklesía*, ao seu serviço, em um processo histórico complexo de desenvolvimento que encontrará seu termo naqueles que desde o princípio são denominados de

²⁸ Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, n. 3; Decreto *Ad Gentes*, n. 12.

²⁹ TABORDA, Francisco. *A Igreja e seus ministérios*, p. 29; 189.

³⁰ HACKMANN, Geraldo Luiz. *Servir a Cristo na Comunidade*, p. 65.

epíscopos, presbíteros e diáconos. Nos primeiros tempos apostólicos, no entanto, convivem uma pluralidade de ministérios, mais carismáticos que hierárquicos³¹ e com uma eclesiologia do tipo pneumática.³² Isso significa que o movimento proveniente de Jesus, reconhecido por seus discípulos como o Messias e o Cristo de Deus, foi vivenciado fraternalmente em comunidades domésticas, onde ninguém estava excluído do ministério, ou seja, do serviço diaconal a Cristo na comunidade.³³ Movidos pelo Espírito Santo, homens e mulheres se encontravam para “Viver-com-os-outros” a Boa Nova, mas, também se edificavam em “Estar-aí-para-os-outros”. O caráter diaconal era comum a todos. Com o passar do tempo os diversos serviços foram tomando forma e características mais institucionais. Na base daquela organização inicial, ainda pouco estável e mais aceito na prática que refletido teologicamente, estão os arquétipos judaico e gentílico, que ofereceram estruturas aceitas e resinificadas pelos cristãos.³⁴

Tradicionalmente, no universo greco-romano, o *pater familias*, homem mais velho, o “ancião”, deu as bases iniciais das lideranças nas comunidades cristãs domésticas, desde muito cedo entendidas como ἐκκλησία. Era ele quem governava e administrava, inclusive espiritualmente, a casa (οἶκος).³⁵ Ele convidava para a reunião, distribuía os lugares, orava e conduzia as discussões. Sua esposa, conforme antiga tradição helenista, recebia os convidados, servia a mesa e distribuía os alimentos.³⁶ O Apóstolo Paulo

³¹ ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*, p. 342-346.

³² EBNER, Martin; MARKSCHIES, Christoph. “A Igreja na Era pré-constantiniana, p. 5; HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Servir a Cristo na Comunidade*, p. 55-56.

³³ “Essa eclesiologia tem sua raiz no batismo no Espírito, fundamento de toda vida eclesial. Apresenta característica de solidariedade e igualdade de todos os cristãos no espírito (At 2,17-18 e 2Co 5,17). (...) Todos os cristãos batizados formam um só povo de Deus profético e pneumático, no qual todos são companheiros solidários e iguais, sem hierarquia” (HACKMANN, Geraldo Luiz. *Servir a Cristo na Comunidade*, p. 57).

³⁴ ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*, p. 322, 347-348.

³⁵ COULANGES, Fustel de. *A cidade Antiga: estudos sobre o culto, o Direito, as Instituições da Grécia e de Roma*. São Paulo: Hemus, 1975, p. 113.

³⁶ Saiba mais em: EBNER, Martin; MARKSCHIES, Christoph. *A Igreja na Era pré-constantiniana*, p. 33,36; HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *Servir a Cristo na Comunidade*, p. 60, 70; ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 372.

assim entendia as comunidades domésticas de ambiente cultural grego (1Cor 16,19; Col 4,15; Rom 16,5; Fp 1,2; At 21,8). As refeições das viúvas helenistas, mencionadas em Atos 6,1,³⁷ estavam ligadas a uma experiência diacônica: os ágapes diários.³⁸ Não era um espaço cúltico, mas um serviço amoroso que, conforme interpretação de Reimer, aquelas mulheres batizadas participavam como anfitriãs e não como convivas. Tradicionalmente, a contenda relatada por Lucas aponta estarem aquelas viúvas excluídas de receber as refeições, conforme consolidada interpretação teológica. Contudo, é possível rever seus papéis, uma vez que naquela comunidade doméstica, o *pater familias* (conhecido dos judeus helenistas) orava e suas esposas serviam a mesa. A inicial configuração doméstico-carismática, favorecia a posição de anfitriãs daquelas mulheres e de sua coordenação do ágape. O que vemos delinear-se nesse episódio é o “Estar-aí-para-os-outros”, chave de compreensão da vida cristã que tem por termo a instituição de um ministério voltado ao serviço às mesas.

Entre os primeiros cristão não era incomum ver mulheres em posições de liderança na Igreja apostólica. As esposas dos apóstolos (do grupo dos Doze e, também, dos demais apóstolos enviados pelas comunidades) os acompanhavam (cf. 1Co 9,5)³⁹ e diversas mulheres exerciam alguma diaconia específica, conhecida e reconhecida na comunidade. Havia mulheres que oravam e profetizavam nas reuniões domésticas, como na comunidade de Corinto (1Cor 11,5), na Samaria e na Cesareia, onde as filhas do diácono Filipe profetizavam (At 21,9).⁴⁰ Havia lugar para as mulheres naqueles grupos domésticos, seja no serviço profético (ligado à Palavra), seja no caritativo, ligado à mesa ágape. Alguns serviços exercidos por mulheres parecem ter, inclusive, caráter institucio-

³⁷ “Naqueles dias, como crescesse o número dos discípulos, houve queixas dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas teriam sido negligenciadas na distribuição diária” (At 6,1).

³⁸ ROLOFF, Jürgen. “Der Gottesdienst im Urchristentum”. In: SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph. *Handbuch der Liturgik: Liturgiewissenschaft in Theologie und Praxis der Kirche*. 2. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Rupprecht, 1995, p. 50.

³⁹ EBNER, Martin; MARKSCHIES, Christoph. “A Igreja na Era pré-constantiniana, p. 38.

⁴⁰ MANESCU, Mihaela. “El diaconado femenino en la época bizantina”. *Espacio, Tiempo y Forma*, Série III, Hª Medieval, t. 21, 2008, p. 269.

nal, como no caso de Febe, que Paulo recomenda à comunidade de Roma como “*diaconisa* da Igreja de Cêncreas” (Rm 16, 1) ou aquele vivido por Priscila (Rm 16,3; At 18, 26), que cooperava com o ministério de Paulo; assim como Lídia (At 16, 14-40), Dorcas (At 9, 36) e Junias (Rm 16,7). Não podemos saber, com exatidão, o tipo de serviço que desenvolviam na comunidade, mas, exerciam, certamente, um fazer diacônico na Igreja.⁴¹

A base da autoridade é sua conformidade ao Evangelho,⁴² sua apostolicidade. Naquela configuração mais carismática que hierárquica, os ministérios tinham a responsabilidade de garantir a apostolicidade da comunidade, ou seja, que ela vivesse em conformidade com sua origem e orientação apostólica: o Evangelho de Jesus.⁴³ Naquela pluralidade ministerial, com Profetas e Doutores (1Co 12,28-31); Evangelistas, Pastores e Mestres (Ef 4,11-12), havia destaque privilegiado para o grupo dos Apóstolos. Na nomenclatura ministerial básica do Novo Testamento encontramos os “apóstolos”. Seu conceito não está restrito aos *Doze* escolhidos por Jesus. O termo deriva-se do grego ἀπόστολος e significa literalmente “enviados” ou “missionários”.

Dentro da noção de “Apóstolo” encontramos os *Doze* escolhidos por Jesus (cf. Mt 10,2-4; Lc 6,13-16; 24,47-48; At 1,2.8; 1Pd 1,1; Gl 1,19;), mediação histórico-institucional entre Cristo e o apostolado protocristão. As testemunhas da ressurreição são, igualmente, Apóstolos. João descreve que, na manhã da ressurreição, Maria Madalena se levantou, foi até o túmulo e viu Cristo ressuscitado. Correu, imediatamente, e o anunciou aos Doze Apóstolos. Foi a *Apostola Apostolorum* (“Apóstola dos Apóstolos”), nas palavras de Santo Agostinho. Também são denominados apóstolos as testemunhas tanto da ressurreição como da vida terrena de Jesus, como ocorreu com Matias, substituto de Judas Iscariotes (cf. At 1,21-26) e, ainda, os delegados das

⁴¹ Para saber mais sobre a diaconia das mulheres, confira: ROCHA, Luciano. *Ministério Diaconal: história e teologia*. São Paulo: Paulus, p. 99-126.

⁴² HACKMANN, Geraldo Luiz. *Servir a Cristo na Comunidade: o ministério presbiteral em Edward Schillebeeckx*. São Paulo: Edições Loyola, 1993, p. 65.

⁴³ *Ibidem*, p. 74.

Igrejas e por elas enviados à missão (cf. 2Co 8,23; At 14,4.14; Rm 16,7; Gl 1,19; 2,8,9; 1Ts 2,6,7), como Paulo e Barnabé (At 14,14; Rm 1,1; 2Co 1,1; Gl 1,1;); Andrônico e Júnias (Rm 16,7), Silvano e Timóteo (1Ts 2, 7).

Os Episcopos ocuparão lugar importante na sucessão apostólica. Na οἶκος-ἐκκλησία, o ancião foi, aos poucos, cedendo lugar àquele que juntaria em torno de si diversas comunidades a fim de supervisionar e presidir. É o que vemos na Carta de Inácio aos Efésios, no início do segundo século: “Quanto mais alguém percebe que o bispo se cala, mais o respeite. Pois aquele a quem o dono da casa [o *Pater familias*, o ancião, membro mais velho] delega para a administração é preciso que o recebamos como receberíamos ao que o enviou. Torna-se, pois, evidente que se deve olhar para o bispo, como para o próprio Senhor”.⁴⁴ No final do segundo século a maioria das comunidades já possuía um “administrador” (*episcopus*) que realizava sua diaconia na presidência os cultos domésticos.⁴⁵

O termo “presidência”, contudo, não pertence ao momento apostólico, mas é de origem patrística e dá visibilidade àquele que substitui os apóstolos.⁴⁶ Estes eram itinerantes (At 13,1-3; 15;25-26), missionários que fundavam comunidades. Os Episcopos, por sua vez, estavam encarregados de seus cuidados pastorais nas comunidades. Clemente de Roma, no final do século I, exorta a comunidade de Corinto a reconhecer no ministério dos bispos os continuadores da obra apostólica: “Os apóstolos receberam em nosso favor a Boa Nova da parte do Senhor Jesus Cristo. E Jesus Cristo foi enviado por Deus. Portanto, Cristo vem de Deus e os apóstolos [vêm] de Cristo. Esta dupla missão realizou-se em perfeita ordem por vontade de Deus. (...) Assim, proclamando a

⁴⁴ INÁCIO DE ANTIOQUIA *Epístola aos Efésios*, 107, 6.1.

⁴⁵ MARCKSCHIES, Christoph. “A Igreja na Era pré-constantiniana: de meados do século II até o final do século III”. In: KAUFMANN, Thomas *et alii* (Orgs.). *História ecumênica da Igreja: dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo: Edições Loyola: Paulus; São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2012, p. 78.

⁴⁶ Onstituição Dogmática *Lumen Gentium*, nn. 18 e 20. Decreto *Christus Dominus*, nn. 2, 6 e 7. Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n. 2.

palavra nos campos e nas cidades, estabeleceram suas primícias, como bispos e diáconos, dos futuros fiéis, após prová-los pelo Espírito”.⁴⁷ O epíscopo mediava a relação entre o apóstolo e a comunidade entregue aos seus serviços pastorais.

No segundo século foram se desenhando os contornos do ministério ternário com um epíscopo presidindo como cabeça, um colégio de presbíteros que o acompanha pastoralmente e um colégio de diáconos que o assiste diretamente. Ambos colégios são expressões diaconais da relação pastoral que faz a mediação entre o bispo e a comunidade. Naquela οἶκος-ἐκκλησία os ministérios são expressões diaconais de uma autoridade entendida como carisma. Por isso que a Didaqué, que remonta a primeiríssima geração cristã, associa as qualidades de quem preside a comunidade aos atributos de Jesus Cristo: “Escolhei para vós, pois, bispos e diáconos dignos do Senhor, homens dóceis, desprendidos (altruístas), verazes e firmes, pois eles também exercerão entre vós a liturgia dos profetas e doutores (mestres). Não os desprezeis, porque eles são da mesma dignidade entre vós como os profetas e doutores”.⁴⁸

Foi o “Viver-com-os-outros”, a vida comunitária, que suscitou “Estar-aí-para-os-outros”, à exemplo de Jesus Cristo. A *ekklesia*, como lugar privilegiado da vivência do ágape de Deus, vê surgir os ministérios como expressão de sua diaconia. A Igreja não é um rebanho passivo, mas uma comunidade viva e articulada em diferentes ministérios. Apóstolos, profetas e doutores são *diakonoi*, servidores (cf. 1Co 3,5; 12,28; 2Co 3,6; 6,4; Ef 3,7; Cl 1,23-25), como, também, evangelistas e pastores (Ef 4,11), segundo as listas ministeriais paulinas, mas também episcopos, presbíteros e diáconos. Para Paulo não faz sentido opor “carisma” e “ministério”. Os ministros são dons de Deus para o bem do Corpo de Cristo e sua edificação (cf. Ef 4,12; 1Co 14,3-4.12; 2Co 12,19), que tem seus dirigentes como expressão do Servo de Javé, o Bom Pastor.⁴⁹

⁴⁷ CLEMENTE, Romano. *Primeira Carta aos Coríntios*. Século I, Capítulo 42, 1-5.

⁴⁸ DIDAQUÉ, séc. I, cap. XV,1-2.

⁴⁹ LEMAIRE, A. “Las epístolas de Pablo: la diversidad de los ministerios”. In: DE-LORME, J. (Org.) *El ministerio y los ministerios según el Nuevo Testamento*. Madri, 1975.

Concordamos com Estrada quando diz que “a *carismaticidade* e a institucionalidade da Igreja se complementam; ambas ocorrem desde o primeiro momento e sem elas não é possível a sobrevivência do próprio cristianismo. (...) [Carisma e instituição] estão enraizados na história pessoal e coletiva dos protagonistas, e também são divinos, porquanto, inspirados por Deus. (...) A instituição é uma mediação essencial, é o carisma encarnado em estruturas e a seu serviço”.⁵⁰ Todo ministério é *Charisma* e todo carisma é *diakonia*. A diversidade carismático-ministerial é querida por Deus e obra do Espírito Santo (cf. 1Co 12,4-11; 12,28; Rm 12,6), de forma que os ministérios são dons de Deus para a construção da comunidade no seguimento de Jesus, que veio para servir e dar a sua vida por muitos (cf. Mc 10,45, Lc 22,27). A Didaqué, como vimos, parece um momento de transição onde os *munera* (serviços) ganham contornos de *officia* (ministérios). Aos poucos, os diversos serviços carismáticos serão absorvidos pelo ministério ternário de episcopos, presbíteros e diáconos.

A Igreja ministerial e a hierarquia como serviço

A Igreja precede os ministério⁵¹ e é, a um só tempo, mistério, Povo de Deus e missão. É assim que os ministérios são abordados pelo Vaticano II, superando as concepções de Igreja como “sociedade desigual” (*societas inaequalis*) e “sociedade perfeita” (*societas perfecta*), que por séculos dominaram a eclesiologia.⁵²

⁵⁰ ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*, p. 293-294.

⁵¹ SARTORI, L. La “*Lumen gentium*”; Padua: Traccia di studio, 1994, p. 24; CONGAR, Y. *Igreja serve e pobre*. Lisboa: Editorial, 1964, p. 60-61

⁵² Gregório XVI (1831-1846), por exemplo, afirmava que “ninguém pode desconhecer que a Igreja é uma *sociedade desigual*, na qual Deus destinou a uns como governantes, a outros como servidores. Estes são os leigos, aqueles são os clérigos”. Na verdade, a igreja é uma sociedade diaconal, de servidores, pois quem governa exerce um carisma específico, uma forma de serviço. Governar e servir estão dentro da mesma lógica, identificados com o carisma do pastoreio. Os leigos não são cristãos de segunda categoria. Seu apostolado é participação na própria missão salvadora da Igreja, de forma que “todos, cada um a seu modo, cooperem unanimemente na obra comum” (*Lumen gentium*, n. 30). Na Modernidade, a Igreja, mesmo diante de uma sociedade laica e do Estado burguês, seguia como uma *sociedade perfeita*, sem qualquer prestação de contas à vida secular, isto quer dizer: perfeita e absolutamente independente, com pleno poder legislativo, judiciário e coercitivo e visivelmente identificável por seus traços, como

A Igreja é sinal e instrumento sacramental da salvação oferecida gratuitamente pelo Pai, mediante o Filho, no dom do Espírito. É mistério diacônico, pois, se origina da amorosa iniciativa trinitária e encontra na Trindade o seu destino.⁵³ “A Igreja peregrina é por sua natureza missionária, pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai”.⁵⁴ Nenhum ministério pode acomodar-se numa posição estática, pois, todos — ministros ordenados ou não — participam, cada qual a seu modo (*modo suo*) e por sua parte (*pro parte sua*),⁵⁵ da missão da Igreja: edificar a humanidade em Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo.⁵⁶

O Vaticano II trata da missão dos leigos e aborda os ministérios ordenados, como na tradição da Igreja antiga à luz do episcopado, plenitude do sacramento da ordem e sinal visível daquele “Estar-aí-para-os-outros”. “Se todos os membros aí são ativos, se mesmo, de certo modo, todos fazem tudo, não é nem ao mesmo título nem da mesma maneira”.⁵⁷ Assim, “os Bispos receberam, com os seus colaboradores os presbíteros e diáconos, o encargo da comunidade”.⁵⁸ A natureza do ministério eclesial é o seu caráter de

assembleia do povo romano (LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*: Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Editora Loyola, 2005, p. 107). A modernidade, certamente, apresentava mundo fragmentado, movido pela moral do provisório e pela ética do imediatismo que contrastava com o pensamento cristão. Neste sentido, por muito tempo a Igreja entendeu a modernidade como um movimento anticatólico, que remonta ao Iluminismo e à Revolução Francesa. Contrariando essa perspectiva, o Concílio Vaticano II lançou-se ao diálogo com o mundo moderno propondo a cultura da compaixão, da misericórdia e da caridade como contraponto à cultura materialista, hedonista e individualista moderna (Sobre a relação Igreja e modernidade, confira: ROCHA, Luciano. *Ministério Diaconal: história e teologia*. São Paulo: Editora Paulus, 2020, p. 279-320). CONGAR, Y. *Le Concile de Vatican II; son Église peuple de Dieu et corps du Christ*. (coll. *Théologie historique*, 71). Paris, 1984.

⁵³ *Lumen gentium*, nn. 1, 9, 48; *Sacrosanctum Concilium*, n. 5; *Ad gentes*, n. 15; *Gaudium et spes*, nn. 41, 43 etc.

⁵⁴ *Ad gentes*, n. 2a.

⁵⁵ *Lumen gentium*, n. 31a.

⁵⁶ *Lumen gentium*, nn. 32, 33 e 37.

⁵⁷ CONGAR, *Le Concile de Vatican II*, p. 113-114; VAUCELLES, L. “Église et ministères à Vatican II et durant la période postconciliaire”. In: CENTRE SÈVRES (Org). *Églises, sociétés et ministères; essai d’herméneutique historique des origines du christianisme à nos jours*. Paris: Centre Sèvres, 1986, p. 3-10.

⁵⁸ *Lumen gentium*, n. 20.

serviço. “Com efeito, inteiramente dependentes de Cristo, que dá missão e autoridade, os ministros são verdadeiramente “servos de Cristo” (Rm 1,1), a imagem de Cristo que assumiu livremente por nós “a forma de servo” (Fl 2,7).⁵⁹ Os ministérios eclesiais, portanto, incorporados à missão apostólica e lidos como serviços/diaconias, possuem a tarefa de anunciar o Evangelho e de pastorear a comunidade, à exemplo do Servo de Javé e Bom Pastor.

O colégio episcopal

Do ambiente helenista e gentílico, de cultura grecorromana,⁶⁰ encontramos o termo *episkopos* (ἐπίσκοπος = superintendente, prefeito, diretor, administrador, gestor, inspetor, ou, literalmente, “supervisor”, de ἐπί (epi), sobre/super + σκοπος (skopos), vista, ou seja, “aquele que vê por cima, pelo alto, que supervisiona”). O episcopo mediava, supervisionava ou administrava a relação entre o apóstolo e a comunidade entregue aos seus serviços pastorais. É o responsável pela apostolicidade da *ekklesia*. Colaboradores dos apóstolos nas reuniões familiares dos grupos de tradição helenis-

⁵⁹ Catecismo da Igreja Católica, n. 876.

⁶⁰ Do ambiente helenista e gentílico, de onde provinham os judeus da diáspora, descendentes dos que foram levados cativos pelos assírios e babilônios. Moravam nas cidades do mundo persa e grecorromano. Muitos deixaram de falar o hebraico e assumiram o grego. Em Antioquia, na Síria, encontrava-se uma pujante comunidade judaica, assim como em Alexandria, no Egito. Trocas culturais favoreceram um espírito de maior tolerância, de modo que eram cosmopolitas e viviam um judaísmo menos rígido que o praticado em Jerusalém. A vida cultural desses helenistas ocorria na sinagoga. Seu culto estava aberto a todos que desejassem participar e muitos gentios foram se sentindo atraídos pelo monoteísmo, caso dos Tementes a Deus e dos prosélitos. As sinagogas praticavam um culto incruento e entendido como evento da Palavra, onde as orações e as esmolas passaram a ser consideradas sacrifícios superiores. A língua e a cultura, por si mesmas, pareciam construir identidades litúrgicas distintas, visível no uso das Escrituras Sagradas, caso da *Septuaginta*. Os círculos sinagogais helenistas, por gerações, cultivaram a língua grega e estabeleceram uma cultura de proximidade e de troca com outras etnias e nações. Muitos, fixando residência em Jerusalém, continuariam a ler e a estudar as escrituras judaicas em sua língua materna: o grego. Desde cedo, judeus helenistas aderiram à Boa Nova, aceitando a mensagem de Jesus como o Messias esperado. Os cristãos oriundos do judaísmo helenista foram responsáveis por dar a direção da emancipação cristã, afastando-se dos elementos meramente judaizantes (SIMON, M. *St. Stephen and the Hellenists in the primitive Church*. London: Longmans, 1958, p. 110-112; BARRETT, C. K. *The International Critical Commentary*. Vol. 1: Acts of the Apostles. Edinburgh: T&T Clark, 1994; EBNER, M. “Dos primórdios até a metade

ta, desde cedo reuniam em torno de si diversos anciãos, assumindo a supervisão das igrejas domésticas (οἶκος-ἐκκλησία), como afirma Santo Inácio de Antioquia,⁶¹ mas, também das comunidades fundadas pelos apóstolos-missionários depois que partiam.⁶² Nas Sagradas Escrituras emergem nas Cartas Pastorais, nos Atos e na Primeira Carta de Pedro, como sinônimo de “presbítero” (cf. At 20,28; 1Pd 5,1-2; Tt 1,7). No cristianismo de origem palestinese, são escolhidos do colégio dos presbíteros, como afirmam alguns autores, como Estrada⁶³ e Almeida⁶⁴, sendo seu presidente e porta-voz. Alguns presbíteros eram, então, chamados a presidir. Segundo Leonardi, “entre os presbíteros emerge já, na qualidade de um coordenador, um *episcopos*” (1Tm 3,1-7).⁶⁵ Nas cartas autenticamente paulinas, no entanto, os presbíteros não são mencionados, a despeito do grande número de ministérios naquelas comunidades. Em seu lugar encontramos o binômio episcopo-diáconos, ao lado de outros servidores: apóstolos, profetas, doutores, pastores e evangelistas. Ou seja, os episcopos emergiam da comunidade e para a comunidade como vocação específica e responsável pastoralmente pela Igreja, sucedendo os Apóstolos. Andrieu observa que do colégio dos diáconos também eram escolhidos episcopos. Entre os séculos II e IX, trinta e três diáconos romanos foram escolhidos para ocupar a cátedra de São Pedro,⁶⁶ por exemplo. Nos primeiros séculos, não havia a

do século II”. In: KAUFMANN, T. (*et alii*). *História Ecumênica da Igreja (1): dos primórdios até a Idade Média*. São Paulo/ São Leopoldo, RS: Edições Loyola/Paulus/ Editora Sinodal, 2012, p. 15-16; ROCHA, Luciano. *Ministério Diaconal: história e teologia*. São Paulo: Paulus, p. 15-23).

⁶¹ “Quanto mais alguém percebe que o *bispo* se cala, mais o respeite. Pois aquele a quem o dono da casa delega para a administração é preciso que o recebamos como receberíamos ao que o enviou. Torna-se, pois, evidente que se deve olhar para o bispo, como para o próprio Senhor” (INÁCIO DE ANTIOQUIA *Epístola aos Efésios*, 107, 6.1).

⁶² BROWN, R.E. *Sacerdote e bispo*. Reflexões bíblicas. São Paulo, 1987, p. 40.

⁶³ ESTRADA, Juan Antonio. *Para compreender como surgiu a Igreja*, p. 322.

⁶⁴ ALMEIDA, Antonio José. *O ministério dos presbíteros-episcopos na Igreja do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2001.

⁶⁵ LEONARDI, G. “Varietà di ministeri nelle comunità Cristiane del primo secolo”. In SARTORI, L. (Org.). *I ministeri ecclesiali oggi: Problemi e prospettive*. Roma, 1977, p. 130.

⁶⁶ ANDRIEU, Michel. “La carrière ecclésiastique des papes et les documents liturgiques du moyen âge”. In: *Revue des Sciences Religieuses*, tome 21, fascicule 3-4, 1947, p. 91-93.

exigência de ordenações *per gradum*. Leigos poderiam, também, assumir o episcopado, como vemos em Santo Agostinho e Santo Ambrósio. No século I ainda não é possível ver o bispo-monárquico servido por diáconos e cercado por presbíteros. Um esforço de institucionalização desse carisma de governo encontramos em Inácio de Antioquia: “seguí todos o bispo, tal como Jesus Cristo [segue] o seu Pai”.⁶⁷

Conforme a *Lumen Gentium*: “Entre aqueles vários ministérios, que desde os primeiros tempos são exercidos na Igreja, conforme atesta a tradição, o lugar principal é ocupado pelo *múnus* daqueles que, constituídos no Episcopado, conservem a semente apostólica por uma sucessão”.⁶⁸ O episcopo, o *magister* que tem o carisma de administrar, isto é, de presidir a comunidade (1Tm 5,17) ocupa o lugar de destaque enquanto substituto dos apóstolos. O bispo tem a tríplice tarefa de pregador, liturgo e pastor na sua Igreja.⁶⁹ O lugar fundamental em que se encontra no Vaticano II a doutrina conciliar sobre o episcopado é a *Lumen gentium* (nn. 18-27), onde se aborda a sucessão apostólica (nn. 18-20), a sacramentalidade (n. 21), a colegialidade (nn. 22-23) e sua diaconia, ou seja, a ministerialidade desdobrada no triplice “*múnus*” (nn. 24-27). Na *Lumen gentium*, a Igreja afirma que o episcopado não é uma “dignidade”, como no modelo sacral, mas, um verdadeiro “serviço” (Estar-aí-para-os-outros), que nas Sagradas Escrituras se chama *diaconia* ou *ministério* (cf. At1,17.25; 21,19; Rm 11,13; 1Tm 1,12),⁷⁰ dentro da comunidade diacônica.⁷¹ “A plenitude do sacramento da ordem não consiste (portanto) no aumento da dignidade, mas na assunção plena de um serviço”.⁷²

⁶⁷ INÁCIO DE ANTIOQUIA *Carta aos Esmirnenses*, 107, 8,1; Sch 10, 163.

⁶⁸ *Lumen gentium*, n. 20.

⁶⁹ *Lumen gentium*, nn. 3 e 21; *Christus Dominus*.

⁷⁰ *Lumen gentium*, n. 57.

⁷¹ *Lumen gentium*, n. 18a.

⁷² CASTELLUCCI, E. *Il ministero ordinato*. Brescia: Queriniana ed. (Nuovo Corso di Teologia Sistemática, 10), 2002, p. 226.